

Joaquim Tomás – Educador Albicastrense

Francisco Goulão (ESECB/IPCB)

Joaquim Tomás, filho de Domingos Tomás, natural da freguesia do Retaxo, concelho de Castelo Branco, terminou as provas finais que lhe conferiram o diploma de professor do ensino primário, no dia 22 de Agosto de 1899, quando o candidato tinha completado 19 anos de idade.

Fez parte do primeiro grupo de diplomados em exames de habilitação efectuados na Escola de Habilitação de Castelo Branco, perante um júri presidido pelo Comissário Distrital de Estudos José de Vasconcelos Freire. Estes exames foram validados posteriormente pelo art.º 69.º do decreto n.º 8 de 24 de Dezembro de 1901, mas estavam já previstos na legislação anterior de 1897.

Joaquim Tomás exercia simultaneamente funções eclesiásticas numa paróquia da diocese e docentes no quadro de professores do ensino primário do distrito de Castelo Branco.

É citado como candidato aprovado no concurso de subinspectores primários, presidido pelo Professor Doutor Augusto Joaquim Alves dos Santos, cujo relatório foi apresentado em 1 de Dezembro de 1910, relatório que apresenta um circunstanciado elenco de deficiências sentidas de forma geral em todo o sistema de ensino primário.

As classificações finais deste concurso eram obtidas por médias ponderadas das provas prestadas: escritas, orais e práticas.

De acordo com o parecer do relator, as provas orais e práticas mereceram classificação satisfatória, face às carências gerais reveladas pelos candidatos no desenvolvimento dos temas solicitados nas provas escritas, que se inseriam nos domínios da psico-fisiologia infantil e da ciência da

educação, da metodologia do ensino primário e de legislação escolar. Os termos do relatório são contundentes e não deixam dúvidas sobre as deficiências culturais e específicas encontradas em alguns candidatos:

“(...) as provas prestadas deixaram tanto a desejar que, a estabelecer-se uma craveira um pouco mais rigorosa, apenas cinco ou seis iriam às provas orais (...)”¹

E não contém o seu desagrado perante esta deficiência, juntando o comentário seguinte:

“(...)Não será, pois, de admirar que, entre os 19 candidatos aprovados, nenhum obtivesse a nota de *muito bom*, apenas um merecesse a classificação de *bom*, e todos os outros ficassem com a nota de *suficiente*”².

Porém, Joaquim Tomás foi classificado com 14 valores nesta prova escrita e 17 na classificação final. Se tivermos em conta que a sua classificação no exame final de habilitação para o magistério primário efectuado em 1899 fora de 11 valores, poderemos inferir da evolução cultural e científico-pedagógica do candidato, resultante da experiência e do investimento pessoal na sua auto-formação.

Certamente, terá contribuído para isto, o empenho que foi desenvolvendo, ao longo da sua actividade profissional, na elaboração de manuais escolares, em trabalhos de parceria com outros professores.

O grupo era constituído por Joaquim Tomás, J. Chagas Franco e Ricardo Rosa y Alberty, os quais editaram os seguintes manuais de leitura destinados aos alunos do ensino primário:

¹ SANTOS, Augusto Joaquim Alves dos, *O Ensino Primário em Portugal (Nas suas relações com a História Geral da Nação)*, Companhia Portuguesa Editora, Porto, 1913 – Apêndice I, p. 279

² Idem, idem, pp. 279-280

1.º classe – *Primeiros Passos*

Imprensa Beleza, Lisboa, 1932;

2.º classe – *Passo a Passo*

2.º classe – *Pouco a Pouco*

Livraria Popular de Francisco Franco, 1932;

3.º classe – *Mais adiante*

Livraria Popular de Francisco Franco, 1932;

Tipografia da Emp. Nacional, 1933;

4.º classe – *Finalmente* Imprensa Beleza, Lisboa, 1933.

Algumas destas obras, especialmente a última, tiveram varias edições (13, pelo menos) e todas elas com aprovação prévia das competentes autoridades escolares.

De notar que foi durante a década de quarenta que foi imposta por lei a utilização do Livro único de Leitura para a 1.º, 2.º e 3.º classes, ficando apenas livre a escolha do livro de leitura destinado à 4.º classe³.

Notas de uma Excursão Pedagógica

Todavia, não tenho dúvidas de que o trabalho de maior interesse publicado por Joaquim Tomás se insere nos domínios da literatura pedagógica e que constitui um relatório de 378 páginas, designado *NOTAS DE UMA EXCURSÃO PEDAGÓGICA*, editado na Tipografia da SEARA NOVA em 1930.

Joaquim Tomás realizou desde 29 de Abril a fins de Julho de 1930 uma viagem pela Espanha, França, Bélgica e Suíça, após a obtenção de um modesto subsídio concedido pela Junta de Educação Nacional, insuficiente para enfrentar despesas muito elevadas, em função do nível de vida de

³ Institucionalização do Livro único – Decreto n.º 27 882 de 21 de Julho de 1937, abertura de concursos, análise de candidaturas e decisão final.

países industrializados e evoluídos, em que visitou, durante aquele período, inúmeros estabelecimentos de ensino.

O relatório circunstanciado do percurso, elaborado dia a dia, local a local, com pormenores de diário, contado quase ao minuto, foi publicado na editora da SEARA NOVA, EM LISBOA, 1930, com o modesto título de *NOTAS DE UMA EXCURSÃO PEDAGÓGICA* através das escolas da ESPANHA, FRANÇA, BÉLGICA E SUIÇA.

Embora contendo pormenores dispensáveis sobre observações de locais do percurso, horário cumprido, encontros pessoais fortuitos, o autor relatou tudo o que viu e viveu, desde a partida da estação de St^a. Apolónia em Lisboa até ao regresso a Portugal, após a última visita feita à escola montessoriana *L'Enfance Heureuse*, situada em Pau, no sul de França.

E, a título de informação do leitor, antecede a narrativa de uma advertência para justificação do aparecimento do trabalho escrito:

“A leitura das publicações estrangeiras que há mais de dez anos vínhamos recebendo da redacção da Revista Escolar e nos revelam o movimento sempre crescente operado nos domínios da ‘educação nova’; as notícias que lá de fora nos traziam as pessoas que visitavam as escolas e conversavam com os professores; e uma natural curiosidade de conhecer e aprender, incitaram-nos a solicitar da Junta da Educação Nacional um subsídio para realizarmos uma pequena excursão pedagógica (...) Mas o que nela observámos resultaria pouco menos do que inútil para a escola do nosso país, se nos restringíssemos à observância daquela cláusula, e, por isso, resolvemos dar à publicidade as notas que, diariamente, tomámos (...)”⁴

Foi no âmbito desta viagem de estudo, intensiva, a contabilizar o tempo e o dinheiro disponíveis que Joaquim Tomás visitou as Escolas

⁴ TOMÁS, Joaquim, *NOTAS DE UMA EXCURSÃO PEDAGÓGICA ATRAVÉS DAS ESCOLAS DA ESPANHA, FRANÇA, BÉLGICA E SUIÇA*, Depósito Praça Luís de Camões, 46, 2^o, Lisboa, 1930, p. 7/8

oficiais e privadas, de ensino directo às crianças de diferentes níveis etários e de formação de professores. Munira-se previamente de cartas de recomendação passadas por figuras portuguesas ligadas ao ensino, nomeadamente do Professor Faria de Vasconcelos, de que ele se serviu para ser melhor atendido em Genebra, na Suíça, no Instituto Jean Jacques Rousseau pelo respectivo director, Mr. Pierre Bovet, contacto que lhe permitiu a recolha de elementos interessantes na organização escolar e nos campos da didáctica e da metodologia do ensino de várias disciplinas leccionadas no ensino primário.

- “1.º – A criança deve ver antes de conceber.
- 2.º – Para realizar uma ideia, a criança, no princípio, faz mais apelo às suas mãos do que ao seu cérebro.
- 3.º – A criança não prevê, comprova.
- 4.º – A criança luta para poder realizar as suas concepções naturais e rudimentares.
- 5.º – A criança tira mais noções úteis dos erros e resultados imprevistos da sua experiência pessoal, do que dos trabalhos e lições verbais que lhe são impostos (...)

Esta é uma pequena listagem de princípios pedagógicos que Joaquim Tomás pôde compilar resultantes do seu contacto em Genebra nomeadamente com a educadora Audemares.

Em Madrid tinha visitado os Grupos Escolares de Cervantes e do Príncipe das Astúrias, observadas com tanto rigor que, no final, o autor se permitiu estabelecer uma comparação sobre o funcionamento das duas instituições e justificar as diferenças da prática da directividade usada numa delas, enquanto na outra se optava por uma liberdade mais responsabilizante.

Visitou também escolas em Barcelona, em Bruxelas na Bélgica, em Lille e em Paris, países onde colheu notas de muito interesse para o progresso do ensino em Portugal, sobretudo no que toca à valorização e empenhamento do aluno na sua aprendizagem.

“O essencial é fazer do aluno não um simples receptor de conhecimentos, mas um investigador e inventor deles. O seu espírito curioso é como um conquistador que tem necessidade de marchar de conquista em conquista; só as coisas que ele descobre o interessam porque vê nelas o resultado dos seus esforços e a obra da sua própria iniciativa (...)”⁵.

E termina o discurso do trabalho a que nos temos vindo a reportar referenciando a solidariedade dos povos, onde não pode haver lugar para os ociosos e apáticos ou indiferentes, porque a civilização é uma obra de cooperação e o homem que não coopera com os seus semelhantes defrauda o património comum.

Tendo exercido as suas funções oficiais em período de disciplina férrea própria da ditadura, Joaquim Tomás procurou exercer a sua missão profissional docente à luz de uma pedagogia de abertura que ia alimentar na experiência estrangeira, guiado pela doutrina cristã que professava na sua qualidade de sacerdote. A sua vasta obra escrita está cheia de provas desta simbiose.

⁵ Idem, idem, p. 267